

«UMA ESTÉTICA LITERÁRIA PARA A GEOMETRIA»

Spinoza¹ no universo de Maria Gabriela Llansol

João Barrento

*... arrumava papéis para o que escreveria depois, se ainda fosse possível, ia morrer sabendo que o terceiro tipo de conhecimento causa uma inimaginável satisfação do espírito
«entrem, entrem, é urgente»*

*e no atropelo que se gerou ainda teve tempo para dizer que nos deixava companheiros filosóficos, amigos e inimigos da filosofia, haveis de inventar uma estética literária para a geometria, mundos e comunidades singulares...
(Maria Gabriela Llansol, O Senhor de Herbais. Breves ensaios literários sobre a reprodução estética do mundo, e suas tentações)*

*Se eu lesse Spinoza para o desmembrar, perderia a potência que ele transmite.
(M. G. Llansol, marginalia no seu exemplar de H. Meschonnic, Spinoza-Poème de la pensée, p. 312)*

Resumo:

Partindo de uma página inédita de um dos muitos cadernos da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, o ensaio percorre os períodos e os problemas que marcam o diálogo de grande parte da sua Obra com a filosofia de Spinoza, desde finais dos anos setenta, até ao último livro, de 2007. Nesse périplo são explorados os principais tópicos desta convergência divergente, particularmente a partir da *Ética* e do seu *more geometrico*, que Llansol transmuta e revitaliza em *more poetico* com o seu projecto de criar «uma estética literária para a geometria» spinoziana. Apropriando-se do filósofo de forma livre, múltipla e híbrida, imperfeita e pessoal, Llansol revela-se como o único autor português contemporâneo cuja Obra vive deste diálogo produtivo com o pensamento eudemonista e «sensualético», libidinal, de Baruch de Spinoza.

Palavras-chave: Llansol, *more geometrico-more poetico*, sensualética.

"A Literary aesthetics for geometry". Spinoza in the universe of Maria Gabriela Llansol

Abstract:

¹ Seguindo o uso da escritora portuguesa, grafo sempre deste modo o nome do filósofo.

Taking as reference an unpublished page of the many notebooks of the Portuguese writer Maria Gabriela Llansol, the essay follows the periods and the problems from which emerges the dialogue of several of her books with Spinoza's philosophy, from the late seventies down to her last published book in 2007. Along this path several topics of this diverging convergence are analysed, particularly taking as major reference the *Ethics* and its *more geometrico*, that Llansol transmutes and revitalizes *more poetico* with her project of creating «a literary aesthetics for [Spinoza's] geometry». She appropriates his philosophy in a free mode, by way of multiple and hybrid, imperfect and personal readings of Spinoza's ideas, thus appearing as the only Portuguese contemporary writer whose work draws on this productive dialogue with the eudemonistic, «sensualethical» and libidinal thought of Baruch de Spinoza's.

Keywords: Llansol, *more geometrico-more poetico*, sensualethical.

**

Em 10 de Dezembro de 1999, numa época em que nascem simultaneamente dois livros seus, *Parasceve. Puzzles e ironias* e *O Jogo da Liberdade da Alma*, Maria Gabriela Llansol encabeça uma página do caderno onde escreve com o título, entre aspas, «*A lei ligeira e breve*». Como sempre acontece na escrita imediata de Llansol, a sua natureza associativa e intuitiva, podendo ser desconcertante, nunca é arbitrária. E assim, lendo a página que recebeu esse título, entendemos melhor o seu sentido e todo um conjunto de ideias derivadas e de implicações que me levaram a tomar essa página como referência quase única, e suficiente, para ir percorrendo os caminhos, os atalhos e os desvios que ligam esta autora portuguesa ao filósofo que haveria de ser uma das figuras dominantes do seu universo de escrita, acompanhando o diálogo com ele e os modos de figuração a que é submetido, desde a sua primeira entrada em escrita, em meados dos anos setenta (no diário *Finita* e em *Causa Amante*), até ao último livro, *Os Cantores de Leitura*, de 2007. Não seguirei livro a livro, coisa que não caberia aqui, mas procurarei captar, em síntese, as marcas, os momentos e os movimentos essenciais desse diálogo.

Transcrevo parte da página do caderno em questão, na qual Spinoza surge em posição de destaque, e cujos motivos (que funcionam como uma espécie de *proposições escondidas* que comento e desdobro em *escólios*) irei amplificando neste meu périplo pelos terrenos spinozianos na Obra de Llansol:

Volto-me para os «plainos abandonados», e para os esqueletos de árvores inverniais _____ de uma beleza acutilante, actual e renascente. Nesta fase, os cadáveres são pura vida. Não mentem. Estão despojados e puros. Assim vagueando por *Parasceve* sem qualquer meio de transporte, conluo que o domínio da minha alma depende de mim – é a sua felicidade para a vida eterna –, como diz Spinoza no fim da sua *Ética*. Ia chamar-lhe Mestre, mas quero que ele também se corporize com os meus livros. Quem sofre por inteligência deve viver na reciprocidade, construir sobre essa ponte a lei ligeira e breve.
(Espólio de M. G. Llansol, Caderno 1.58, 5)

Esta «lei ligeira e breve», escreve-se logo a seguir, é a de quem «sobrevive ao momento perdido» – a de quem, diria o Spinoza do Livro V da *Ética*, «sente e experimenta» a eternidade na imanência do instante²; ou ainda a de quem, nesse reino da promessa que em Llansol dá agora pelo nome de «Parasceve», não olha as coisas com o «olho do comum» (noutros livros falar-se-á da «luz comum»), mas com aquele outro modo de ver que se lhe opõe, aqui designado, na margem do caderno, de «o olho de olhar» – diríamos, ainda com Spinoza: o de uma «ciência intuitiva» de ver que permite aceder à «ideia verdadeira da coisa». Este olhar é aquele que Llansol, num outro lugar, refere como não podendo deixar de ser um «olhar sobre o outro» (todo o Ser), e acrescenta, explicando este seu modo de ver:

Olhar no olhar do olhar sem fim. Procurar olhares, incluir e libertar olhares, entrar dentro de olhares paradoxais, sair deles, sofrer por ver, sorrir por ver ainda mais. Entrechocar os olhares, fazer excederem-se as imagens [...]. Para cada imagem fazer um conto, baralhá-las, assistir à criação sem compreendê-la a não ser por um olhar, um último olhar. (*Inquérito às Quatro Confidências*, 25)

No diário *Inquérito às Quatro Confidências*, e com referência a Vergílio Ferreira, esse «olhar sem fim» é designado de «olhar à cão», também atribuído noutro lugar a Spinoza, e que o crítico Augusto Joaquim, num comentário inédito a esse Diário de Llansol, define como o olhar «que procura a luz que emerge algures, entre a ética da responsabilidade, a procura intransigente do belo e o dito rasante e justo» – radiografia quase perfeita, tanto para Llansol como para Spinoza! Também Nietzsche escrevera já (na *Aurora*, um dos livros do filósofo a que Llansol deu mais atenção), que Spinoza é (com Platão e Goethe) um dos «mestres do puro olhar». (*Aurora*, 497).

Neste universo prospectivo, futurante e marcadamente anímico que é o de uma espécie de «cidade ideal» – bem diferente de qualquer «sociedade», também para Llansol – que nesta altura recebe o nome hebraico de «Parasceve» (algo que ganhará existência concreta no tronco e nos ramos daquele grande plátano sem memória, todo presente, a que no livro com esse título se chama «o Grande Maior») – nesse lugar de Parasceve nasce toda uma comunidade que se orienta – diz ainda o excerto de onde parto – para a ideia de «felicidade para a vida eterna» e que é regida por aquela «lei ligeira e breve», que nada tem de evasivo nem de etéreo. Vejo-a antes como a lei llansoliana do *mútuo* – e isso significa,

² Um outro filósofo, não propriamente «espinosiano», Walter Benjamin, deixará num dos fragmentos do seu *Livro das Passagens* uma «imagem dialéctica» próxima: «a eternidade é uma prega no vestido, mais do que uma ideia» (fragmento B 3, 7). Também em Llansol, num dos seus livros mais perpassados de Spinoza, *O Jogo da Liberdade da Alma* (2003), o vestido será a projecção visível da *alma*, e também aí se fala de uma «escrita ligeira e leve» que reflecte «o piano sem peso do homem nu» (p. 9) – ao que tudo indica, mais uma figuração de Spinoza nesse livro.

da responsabilidade e da resposta (a esse conceito do «mútuo» voltarei ainda mais adiante). Apesar de todas as promessas, não existe aí, no entanto, propriamente garantia de «salvação». Quando muito, como em Spinoza, a certeza de um conhecimento-outro, a chegada a uma zona da liberdade individual, da felicidade ou da salvação em termos da tomada de consciência daquilo que em nós pode ser da ordem da «eternidade» – móvel e sempre renovada pela metamorfose (é este também o princípio da «Figura» em M. G. Llansol). Haverá então em Llansol como em Spinoza um ponto de vista *salvacionista*, mas não *salvífico*. A «teologia» de ambos, a existir, é profana; o *telos* último da *Ética* é certamente o de um eudemonismo, mas selectivo (a ideia dos «eleitos» está ainda muito presente em Spinoza, já no *Tratado da Reforma do Entendimento*). Llansol, não sendo radicalmente céptica, mas também não tão apodíctica, alimenta-se de um «sentido de possibilidade» expectante, mais musiliano (que é também o fundamento do lado político do seu «projecto», da sua doutrina individual da liberdade, como paralelos com a de Spinoza no *Tratado Teológico-Político*). Ela sabe que «nada ainda modificou o mundo» (*Causa Amante*, 16), que é preciso conceber «um mundo humano que aqui viva, nestas paragens onde não há raízes» (*Um Beijo Dado Mais Tarde*, 122). E no entanto, o pensamento subjacente à construção eudemonista multifacetada do seu texto, a busca da felicidade neste mundo ou de «um final feliz» para além da crença e da opinião, explicitada em *Lisboaleipzīg* (157) parece encaminhar-se para aí – mas fica aquém de qualquer intenção salvífica, limitando-se a propor algumas pedras-mestras para a construção de um projecto do Humano alimentado, não por uma qualquer utopia, não pela «imaginação» sempre falseadora, mas por um «princípio esperança» muito seu que rejeita todas as formas de razão instrumental, dualista, redutora da liberdade individual, que – lemos num dos cadernos em 6 de Setembro de 1991 – «é o inverso do primeiro pensamento verdadeiro e da pulsão fundamental da rapariga que temia a impostura da língua» (Caderno 1.33, 61-62, 6 de Setembro de 1991). O que se busca e cultiva, como em Spinoza, é uma outra forma de razão, que está em casa numa «Filosofia partida», «onde algo se cruza em poema e sistema» (Caderno 1.74, 50, 81, em 22 de Maio de 2006). Logo nos primórdios da sua escrita, na fase das trilogias (anos setenta), Llansol afirma também a sua pertença a um regime de saber sem sistema, a uma «arte do bando» em tudo devedora de Spinoza, ao afirmar que «uma das características dos que pertencem ao bando é a permanência do desejo», daqui se concluindo: «desejo / razão clara / entendimento claro» (Caderno 1.11, 289, 19 de Dezembro de 1981). Nisto, Llansol parece ter feito suas as palavras de Nietzsche num fragmento do espólio, datado do Verão de 1872, em que este chega à ideia da legitimação estética da própria filosofia, concretamente em Spinoza:

O que agora decide o valor de uma construção do mundo (i.e. de uma filosofia) é a sua beleza e a sua grandeza, ou seja, ela é vista como arte. A sua forma transformar-se-á provavelmente! A fórmula matemática rígida (como em Spinoza), que teve um efeito tão tranquilizador sobre Goethe [e podemos dizer: também, a seu modo, sobre

Llansol]], só encontra agora legitimação enquanto meio de expressão estética.» (*Kritische Studien-Ausgabe*, vol. 7, 434)

Spinoza entra, como se vê, bastante cedo no mundo e na Obra da nossa autora, «num interior de concordâncias íntimas» (Caderno 1.20, 50, 25 de Dezembro de 1985), onde cabe já a ideia da necessidade de criar uma estética literária para a geometria.

Lembremos rapidamente esse percurso nunca interrompido:

1. A atracção pelo filósofo e pelo seu «pensamento vivo» manifesta-se já na descoberta do livro de Arnold Zweig *O Pensamento Vivo de Spinoza*, de 1941 – cedo de mais, mas não sem deixar sementes, como fica claro neste registo do dia de Natal de 1985, em que se fala dos «livros-fonte da minha infância»:

Em criança, quisera ler Spinoza mais claramente – O Pensamento Vivo de Spinoza, da Livraria Martins, fora o nosso primeiro encontro. Mas ele escondera-se um pouco, e eu, mais que a leitura do livro, guardei certamente a sedução da sua resistência, que se tornou numa força interior de desejo, e mais tarde demoveu os obstáculos. Urna de cristal do saber – por esta contemplação volto agora aos livros-fonte da minha infância; parece-me uma verdade intuitiva que devo relê-los, porque estes livros, somados ao meu caminho percorrido, são uma infindável totalidade do ser. (Caderno 1.20, 45-46).

2. A «releitura» acontece, de facto, no exílio belga (1965-1985), e ao que tudo indica (entre outros testemunhos, as datas de aquisição dos três volumes das *Obras* de Spinoza na edição francesa da Gallimard) no início dos anos setenta, que é também a data do arranque da escrita nas duas trilogias (*Geografia de Rebeldes* e *O Litoral do Mundo*) e, pouco depois, no que viriam a ser os dois primeiros diários publicados. Num deles, *Finita*, Spinoza faz a sua entrada inaugural no «jardim que o pensamento permite», que só poderia ser o seu, associado a *Prunus Triloba* textual (*Finita*, 83), o arbusto da casa de Jodoigne (que seria abatido quando Llansol a deixa), e que haveria de se tornar «um uso habitual» no Texto, numa inaudita «reciprocidade» com Spinoza que, lido à sua sombra e agora já figura, sente fisicamente a sua morte por decepção e «tem por hábito deixar-se ficar no tronco» (*Causa Amante*, 63).

3. Spinoza «renasce, outro, no jardim» que é também o seu em *Da Sebe ao Ser* (103), o último livro das trilogias. Depois, é a presença constante e maior do filósofo-figura nos livros mais significativos, a partir de *Lisboaleipzig* (1994), onde Baruch, «franzino para um tão grande pensamento», «feito de tão pouco corpo com tanta paisagem» (vd. p. 195), é o grande mediador, entre a música das esferas de Bach e a «galáxia explosiva» da poesia de um Pessoa-Aossê em devir. Neste percurso, a presença maior de Spinoza passa por livros como *Parasceve* (2001), *O Senhor de Herbais* (2002) e *O Jogo da Liberdade da Alma* (2003), até à sublimação da figura (como de todas as outras) na grande súpula de uma Obra que é o último livro publicado em vida, *Os Cantores de Leitura* (2007).

Regresso à passagem que me serve de referência para seguir mais de perto os tópicos que me parecem mais significativos. Aí se fala de «ele [Spinoza, Mestre] e os meus livros»; aí se refere o agir («sofrer») «por inteligência» (pelo conhecimento que funda uma verdade), e não por convenção acomodatória, ou por força de um destino em que não se acredita; com a conseqüente construção de uma vida na «reciprocidade», com «pontes» para o outro e para o Ser, segundo uma «lei» tendencialmente perfeita que é a da leveza e da intensidade do instante.

Ecoa nessas linhas o «programa» formulado por Spinoza no § 14 do *Tratado da Reforma do Entendimento*, onde lemos:

Eis, pois, o fim para que tendo, a saber, adquirir uma tal natureza e esforçar-me por que muitos a adquiram juntamente comigo; isto é, à minha felicidade pertence empenhar-se para que muitos outros entendam o mesmo que eu, afim de que o seu entendimento e os seus desejos coincidam perfeitamente com o meu entendimento e desejo; para isso, é necessário ter da Natureza a compreensão suficiente para adquirir essa tal natureza; em seguida, é necessário formar uma sociedade como é de desejar, de modo que o maior número chegue a esse ponto com maior facilidade e segurança.

(28)

É o programa daquela «conversação espiritual» e inter-figural, que nos livros de Llansol dá pelo nome de «eterno retorno do mútuo», em que Spinoza é interlocutor privilegiado. As duas margens que múltiplas pontes ligam são, nesta Obra, de um lado o perfil de rigor (e persistência) estético – melhor, etistético – de um *projecto duplo*: o do *Humano*, que recebe o nome de «a restante vida», e o de uma *escrita* que procura seguir os acenos de um «dom» que, começando por se alimentar do fulgor poético-musical das coisas e da clareza do pensamento, terá o seu *aboutissement* (e provavelmente o seu *point of no return*) na epifania regida pelo ritmo «transcendental» e rigoroso da leitura-escrita-canto de *Os Cantores de Leitura*; na outra margem espera-nos a leveza intensa de uma *lei* que é a do *Vivo*, da sua pujança no plano da pura imanência.

Em tudo isto se projecta a sombra tutelar de Spinoza, que, na *Ética*, propõe a lei de um «Corpo da primeira infância» que, com a sua potência de agir, originária e originante, se transforme «num outro que seja apto para um grande número de coisas, e que se refira a uma Alma que tenha consciência no mais alto grau de si mesma, de Deus e das coisas; e de tal maneira que tudo aquilo que se refere à sua memória ou à sua imaginação não tenha quase nenhuma importância em relação à sua inteligência...» (*Ét.* V, XXXIX, esc.).

Volto ao fragmento de partida e pergunto: como se poderá entender esta evidente convergência, a vontade de que Spinoza «também se corporize com os meus livros»? E que significa isto? Algo assim como dar corpo, mas outro, ao *more geometrico* de Spinoza; ou também assimilá-lo a um corpo de escrita próprio, a uma escrita do próprio corpo («os meus livros»), para o transformar. Deste encontro e desta mútua assimilação (comum a todas as outras figuras de Llansol) nasce a *comunidade do mútuo*, com a sua lei própria – que, sabemos-lo desde *O Livro das Comunidades* (1977), é uma comunidade «sem regra». A de «Bento» será uma «regra com réguas»; mas também o geométrico tem os seus enigmas, e Llansol descortina-os: «as réguas não traçam unicamente linhas direitas. Este enigma tornou clara a minha inteligência – e deu-lhe apoio_____» (Caderno 1.74,88, 2 de Junho de 2006). E numa outra anotação, próxima desta, enuncia-se lapidarmente o método de Spinoza: «Spinoza brinca com as réguas_____ e conduz os meandros da linguagem sobre linhas rectas, encurtando-nos o caminho_____ e distanciando-nos o olhar» (Caderno 1.73,10, 4 de Fevereiro de 2006). Llansol não trabalhará propriamente sobre linhas rectas, mas consegue o mesmo milagre de, a partir de uma imagem intensa (a proposição em Spinoza), lançar o olhar para os horizontes mais distantes, voltando a trazê-lo para mais perto nas deambulações dos seus «escólios e corolários móveis»... É assim nas «Conversas com Bento» (depois designadas de «Conversações com Bento» em toda a parte final de *Os Cantores de Leitura*), que «tem uma maneira rectilínea de expor que me seduz. E o que é poema próprio oscila entre as margens do pensamento próprio [...] A amplidão da estrutura predomina nele, pequeníssimas imagens predominam em mim. Mas este encontro seduz de tal modo a minha consciência que ontem à noite julgava que era apenas meia-noite, e já cantava o galo da manhã» (Caderno 1.74,108-109, 7 de Junho de 2006).

Maria Gabriela Llansol revê-se em Spinoza e no seu «deslumbramento desenhado» (Caderno 1.74, p. 111, 8 de Junho de 2006) porque, sabendo que «sentimos e experimentamos que somos eternos», aí chegou, como teria de ser, por um alto grau de consciência intuitiva (um «conhecimento de terceiro género») de si e das coisas singulares vistas como *modos* de uma Substância a que ela não chama «Deus» (amputa-o bastante cedo em «Eus», privando-o de «ser a sua vontade»: vd. *Um Falcão no Punho*, 16), mas pujança do Ser, «o fulgor que há nas coisas», ou simplesmente «o Vivo». Por isso, talvez se possa dizer que, olhando o mundo com olhos de ver o brilho da imanência e o que ele esconde à «luz comum», ela não encara o real *sub specie aeternitatis*, mas *sub specie fulgoris*, do ponto de vista de um fulgor móvel e breve que o habita. Ou de um princípio que, segundo Llansol, Spinoza se terá esquecido de nomear e ela recupera e valoriza (em *Amar Um Cão* ou *O Jogo da Liberdade da Alma*, *O Senhor de Herbais* e *Os Cantores de Leitura*), e a que chama «pacto de bondade». De facto, esta «afecção», a bondade, está presente em Spinoza (já no *Tratado da Reforma do Entendimento*, subjacente às ideias de perfeição e de bem), mas, como Maria Gabriela também reconhece, o filósofo «sonhava com essa linha,

vira esse pacto, mas, prudentemente, disse não saber o nome que tinha, ou poderia ser-lhe dado» (*O Senhor de Herbais*, 238). Para ela, no entanto, a experiência da «eternidade» passava por aí. Contornando «o encadeado de escólios e axiomas» (*id.*, *ibid.*), e acreditando que «tudo depende de se partir ou não de um primeiro pensamento verdadeiro» («O Espaço Edénico», in: *Na Casa de Julho e Agosto*, 164), chega, nessa entrevista iluminante que é «O Espaço Edénico», à conclusão de que, subitamente, «o que parecia *abismos*, em termos geométricos de um vasto ballet seco e imponderável, torna-se *voos*, em termos de gradações de beleza, uma espécie de jogo que brinca na metafísica...» (*ibid.*, 165). É o seu modo de «inventar uma estética literária para a geometria» e – não menos importante – de fazer nascer «mundos e comunidades singulares» (*O Senhor de Herbais*, 243). Aí, os que tomam consciência desse estado de «eternidade» não são os «sábios» (*sapiens*) de Spinoza, mas os *intensos*.

Apesar do tom quase sentencioso e por vezes apodíctico dessa «estética literária» e do «modo ético-estético» da sua escrita, não há em Llansol, como no perfeccionismo de Spinoza, um saber categórico, exacto e perfeito, mas antes aquele outro saber a que Novalis – num contexto, aliás, em que o seu horizonte é também Spinoza! – chama *wollüstig* («voluptuoso» ou, em linguagem llansoliana, «libidinal» ou «sensualético»³), um saber a que se acede pelos sentidos e cujo centro é o corpo. Centro também do *pensamento*, se este for visto, como é por Spinoza e Llansol, como algo que tem uma «luz libidinal» própria (vd. *Ardente Texto Joshua*, 142), ou como «uma região nebulosa que se torna clara através de linhas geométricas que se fracturam, finalmente, quando escrevo. O pensamento é um verdadeiro fenómeno físico, ao lado de outros que se produzem na natureza». E acrescenta: «Tudo isto veio a propósito ou, com mais propriedade, foi desencadeado por eu acordar a pensar num volume quase cúbico de *L'âme*, de Martial Geroult, que esclarece a parte II da *Ética* de Spinoza» (*Lisboaleipzig*, 41). E ainda noutra passagem, clarificando melhor a ligação entre a *res cogitans* e a *res extensa* no plano do pensamento, significativa também para uma compreensão da «reciprocidade» fundada na «inteligência», num *inte-legere*, na leitura ou na recolha partilhada do que o mundo oferece ao olhar: «Sempre tive a impressão de que o pensamento não é, mas se encontra em determinados sítios___ nas relações e na paisagem» (*ibid.*, 42). Aqui, a natureza, longe de ser apenas manifestação da *res extensa*, «é uma coisa pensante – é a primeira terra onde me movo» (Caderno 1.36, 33, 2 de Novembro de 1992).

³ Cabe aqui a citação de uma passagem de um dos cadernos de escrita de Llansol, preparatória do livro *O Jogo da Liberdade da Alma*, com a sua referência explícita a essa «sensualética»: «E desenhou-se então um esquisito erotismo perto do piano, não usual, mas visionário. Sempre que um dedo meu, inocente de ignorância, se aproximava da tecla, eu sentia que um prazer de desenho novo se aproximava, sem, no entanto, poder irromper. E fiz então a Spinoza uma pergunta audaciosa: – Ó Mestre, onde está o primeiro orgasmo verdadeiro? – Ele respondeu-me: – Escrevi a *Ética*. Digo-te um segredo: sinto-me incompetente para escrever a *Sensualética*. Escreve-a tu! – Está a brincar? Ora essa! – Seria a grande descoberta do próximo milénio.» (Caderno 1.55, pp. 106-107, Agosto de 1999).

Entendemos assim melhor como Maria Gabriela Llansol, sem ser filósofa (e sendo avessa ao pensamento sistemático e ao *more geometrico*), leu Spinoza como a tradição filosófica durante muito tempo o não leu – talvez com exceção dos primeiros Românticos alemães, que não eram propriamente, ou apenas, filósofos, e vêem em Spinoza «o começo e o fim de toda a imaginação poética» ou a base e o sustentáculo de toda a forma individual de misticismo (F. Schlegel, «Rede über die Mythologie») – um misticismo que, significativamente, encontra, na «nova mitologia» dos Românticos, o seu fundamento numa «Física com asas», na imanência do mundo, numa «nova mitologia» ao serviço das ideias, ou numa «religião dos sentidos» (cf. «O mais antigo programa de sistema do idealismo alemão»). Por essa altura, também Hölderlin, comentando as *Cartas* de Jacobi sobre a doutrina de Spinoza, acentua este lado propício ao fazer poético, ao recusar a possibilidade da *dedução* do infinito para o finito, afirmando antes uma ideia da Substância, à imagem da Cabala (mas também de Spinoza), como um *Ensoph imanente* (ou Infinito manifesto, sem transcendência). Também a poesia procede por uma via que não é a da dedução nem da «aplicação» a um objecto, mas do simples *actuar* – que está na raiz grega do seu nome: *poieîn*. Também para Spinoza o *agir*, que se opõe ao *sofrer*, é a condição primeira da «perfeição», como lemos na proposição XL da Parte V da *Ética*: «Quanto mais perfeição uma coisa tem, tanto mais age e menos sofre; e, inversamente, quanto mais ela age mais perfeita é». O sentido daquilo a que se chama poesia, a existir, será então o de «desvendar e revelar o Ser» (escreve Hölderlin no seu comentário às citadas cartas sobre Spinoza, de 1790). Em linguagem llansoliana: «reparar no real [para fazer] eclodir o real que, no invisível, lhe corresponde» (*O Senhor de Herbais*, 246). Ou, numa fórmula ainda mais pregnante, de *Os Cantores de Leitura*: trazer à luz «a partitura obscura da matéria» (271).

Llansol subscreveria a ideia hölderliniana da poesia/da escrita como um *agir-para-revelar*, percebendo como percebeu, e transpondo-o para a sua escrita, o que em Spinoza pode ser decisivo para *dar um corpo literário à geometria*. A sua escrita e o pensamento que a sustenta integram, de facto, para além de noções centrais, e mais evidentes, como as de potência/pujança (a versão llansoliana do *conatus*), de ideia adequada ou pensamento verdadeiro (fundamentais para um tema como o da [anti]-impostura da língua), da beatitude ou santidade (laicizada e sensualizada em *Os Cantores de Leitura*) ou do princípio de bondade, a que já aludi (presente em *Amar Um Cão* ou *O Jogo da Liberdade da Alma*), igualmente outras noções relevantes no plano prático (ético-sensualético), e menos evidentes, como as de relação ou encontro (que marca toda uma estética figural explicitada no «pandemónio das estéticas» de *O Senhor de Herbais* como «estética do encontro»), de paralelismo, de igualdade ou não-hierarquia dos seres. De tudo isto se poderia falar também nessa «Ética do encontro» que é a de Spinoza, quando apresenta os modos da imanência como a manifestação simultânea e sem hierarquia da essência da Substância na infinitude da extensão.

Mas é bom que fique clara uma ideia: não faz muito sentido pretender ajuizar da maior ou menor justeza, do rigor ou da liberdade com que Spinoza se dá a ver no texto de Llansol – muitas vezes à transparência, de viés, transfigurado em imagens. Será mais produtivo tentar perceber que *con-figurações* o pensamento de Spinoza (em particular o da *Ética*) assume na escrita de Maria Gabriela Llansol, que o lê, o absorve, o integra *more llansoliano*, como não poderia deixar de ser, e como acontece com toda a matéria filosófica, ou outra, que esse texto faz sua (Nietzsche ou Pessoa, João da Cruz ou Eckhart, Müntzer ou Ibn 'Arabî, Bach ou Hölderlin...). A matriz está sempre no sistema sem sistema de Llansol – e em nenhum dos universos da grande constelação de figuras que alimentam o seu «projecto» ou as suas propostas de renovação da escrita dita ficcional, pela via do *fulgor textualizado*, e não da (estafada) verosimilhança narrada.

E ainda, para o que agora mais importa: se existe uma «imagem de Spinoza» em Llansol, ela só pode ser múltipla, híbrida, imperfeita, pessoalíssima, como um feixe de imagens reflectidas por espelhos côncavos e convexos, foscas e irregulares. Não se espere aqui qualquer intenção de apropriação sistemática, de nova leitura global do sistema de Spinoza (a não ser por uma ou outra intuição certa), ou de reconstituição biográfica nessa forma hoje tão apreciada e vulgarizada que é o «romance histórico». Só poderemos ler Llansol, e as figuras que a «chamaram» para serem livremente acolhidas e reconfiguradas na sua escrita, se entendermos que ela não tem pretensões de as «interpretar» para as verter em qualquer molde, mas que são elas, ou o que dessas figuras aí fulgura fragmentariamente, que nos permitem a nós *ler Llansol* – aqui, em clave de Spinoza. E isto é tanto mais assim quanto M. G. Llansol é porventura o único autor português contemporâneo cuja Obra vive do diálogo – singular, selectivo, pessoal, eventualmente polémico – com uma tão ampla linhagem de figuras da cultura europeia. Sem pretensões, nem de as «esgotar», nem de chegar a uma qualquer «essência» sua. Poderia talvez dizer-se, com Spinoza, que aqui as figuras, sempre mutáveis, não têm propriamente uma *substância* – coisa que, assim como assim, não faria sentido, já que a Substância, ou a sua essência, não se tem, ela simplesmente *é*; as figuras serão tão-somente *modos* textuais dos *atributos* que, em cada uma delas, apelaram para a escritora: e são os mais diversos, circunstanciais, não antecipadamente concebíveis, disponíveis e móveis, metamórficos. Em 1981, em Herbais, Llansol anota: «Spinoza, em forma de livro, faz-me companhia com a mansidão dos seus raciocínios geométricos, *penetra em mim*, no meu amor, com suas demonstrações e corolários *que se movimentam*» (Caderno 1.10, 42, 9 de Janeiro de 1981; sublinhados meus). É este, como Llansol diz em «O Espaço Edénico», «o princípio de Spinoza»: cada ser, cada figura que o texto absorve, «cresce móvel e novo, no espaço da sua cena interior» (*op. cit.*, 142) (esta será, podemos dizer, a sua forma particular, e paradoxal, de «perseverar no seu ser»). Os textos das figuras – o texto de Spinoza – são, assim, «textos escritos em aberto, dispostos a dialogar com o meu a abrir-se» (*id.*, 153). E então – para voltar a uma passagem já

citada – «o que parecia abismo [...] torna-se voo...» (*id.*, 165). A aparente secura da geometria transforma-se em «matéria visual e trémula de vida nascente e renascente» (Caderno 1.40, 155, 19 de Agosto de 1994). E o próprio movimento das letras do nome de Spinoza, sem o geometrismo do **E**, animado pelo movimento ondulante do **S**, torna-se sinal da liberdade estética, da «lei ligeira e leve» que tem o seu lugar de origem na infância e orienta a escrita de Llansol sob o signo de Spinoza. Cito a passagem, e concluo:

Não escrevo Spinoza com E. Gosto do S, da sua curva rápida sem princípio nem fim. Curva que destrói a filosofia – e a encontra mais ao longe – outra. Por isso, não escrevo Espinosa com E, nem s no fim da palavra. Criança, criou-se Spinoza para eu o ler por entre o belo, a estética, a geometria, a rebeldia com que dou pontapés no mundo indelével e estabelecido. Fala a criança.
(Caderno 1.50, 101-105, 27 de Março de 1998)

**

Bibliografia

Obras de Maria Gabriela Llansol citadas (para além dos cadernos manuscritos do espólio, identificados nas citações):

Causa Amante [1984], 2ª ed.. Lisboa, Relógio d'Água, 1996.

Finita. Diário 2 [1988], 2ª ed.. Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.

Da Sebe ao Ser. Lisboa, Edições Rolim, 1988.

Um Beijo Dado Mais Tarde [1990], 2ª ed.. Lisboa, Assírio & Alvim, 2016.

Lisboaleipzīg [1994], 2ª ed.. Lisboa, Assírio & Alvim, 2014.

Inquérito às Quatro Confidências. Diário 3. Lisboa, Relógio d'Água, 1996.

Ardente Texto Joshua. Lisboa, Relógio d'Água, 1998.

O Senhor de Herbais. Breves ensaios literários sobre a reprodução estética do mundo, e suas tentações. Lisboa, Relógio d'Água, 2002.

O Jogo da Liberdade da Alma. Lisboa, Relógio d'Água, 2003.

«O Espaço Edénico» (Entrevista) [1995], in: *Na Casa de Julbo e Agosto*. 2ª ed.. Lisboa, Relógio d'Água, 2003.

Os Cantores de Leitura. Lisboa, Assírio & Alvim, 2007.

Obras de Spinoza:

Ética. Introd. e notas de Joaquim de Carvalho. Lisboa, Relógio d'Água, 1992.

Tratado da Reforma do Entendimento. Trad. de Abílio Queirós. Lisboa, Edições 70, 1987.

Tratado Teológico-Político. Trad., introd, e notas de Diogo Pires Aurélio. 3ª ed. revista, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

João Barrento

Ensaísta e tradutor. Professor (aposentado) da Universidade Nova de Lisboa. Publicou cerca de vinte livros de ensaio, crítica literária e crónica. Recebeu os mais importantes prémios portugueses para

ensaio, crónica e tradução, e ainda o Prémio D. Dinis, a Cruz de Mérito Alemã (1991) e a Medalha Goethe (1998).

jobarrento@mail.telepac.pt